

1. Comentários iniciais

“Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay!”

Miguel de Cervantes

Disse-nos Freud em *Pulsões e seus destinos* (1915) que o avanço do conhecimento não pode tolerar qualquer rigidez, inclusive em se tratando de definições. No mesmo artigo, poucas linhas adiante, ele enuncia que até mesmo conceitos ditos básicos, uma vez estabelecidos sob a forma de definições, são constantemente alterados em seu conteúdo. Um conceito básico desse gênero é o de pulsão. Não apenas básico, “mas que *nos é indispensável na psicologia*”¹ (1915a/1996, p. 123). Apesar de sua importância e centralidade conceituais, em diferentes momentos de sua obra (1915a, 1923 [1922], 1924², 1926 [1925], 1933 [1932]b) Freud destacou a obscuridade e a imprecisão da definição de pulsão. A teoria das pulsões sofreu remanejamentos, acréscimos e correções ao longo da produção freudiana e ainda assim permaneceu, segundo o próprio autor, incompleta. A passagem a seguir foi escrita em seus anos finais, no texto em que tentava resumir de forma concisa os princípios da psicanálise:

Estará inteiramente de acordo com nossas expectativas que os conceitos e princípios básicos da nova ciência (pulsão, energia nervosa, etc.) permaneçam por tempo considerável não menos indeterminados que os das ciências mais antigas (força, massa, atração, etc.) Freud (1938/ 1996, p. 172).

Diante deste cenário, vemos o campo pulsional não apenas aberto a novas contribuições, como também um terreno fértil para elas. Some-se a isso o valor que tem o conceito de pulsão na psicanálise: ela é o fator motor que impele o psiquismo ao trabalho (Freud 1915a), um conceito imprescindível à psicologia (Freud 1915a), a ação recíproca da força das pulsões constitui a base das ocorrências mentais (Freud 1923 [1922]), a força pulsional é um dos fatores etiológicos de causação da neurose

¹ O grifo é nosso.

² Nota acrescentada em 1924 na quinta parte do primeiro de seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*: “A doutrina das pulsões é a parte mais importante, mas também a mais incompleta da teoria psicanalítica” (Freud 1905/ 1996, p. 159).

(Freud 1937) e o sucesso dos esforços analíticos dependem (entre outras coisas) da força das pulsões que operam num indivíduo (Freud 1937).

Assim, a proposta deste trabalho consiste numa contribuição à teoria das pulsões. No texto “O que é um autor” (1983/ 2001), Michel Foucault propõe que Freud, assim como Marx, seja pensado como um autor “instaurador de discursividades” (p. 285). Segundo sua ótica, tais autores não teriam produzido somente suas obras e seus livros, mas algo a mais, a possibilidade e a regra de formação de outros textos. Estar inscrita nessa proposta foucaultiana implica que a teoria freudiana não apenas torna possível certo número de analogias, mas – e principalmente – certo número de diferenças sobre si mesma. Implica que Freud abriu possibilidades infinitas de discursos por vir dentro do campo teórico psicanalítico. Portanto, porque a pulsão é *matéria-prima* da psicanálise, justifica-se que seja concebida também à luz da contribuição de outros campos do saber.

O outro campo epistemológico no qual buscaremos composições para o conceito de pulsão é a filosofia. O conceito em questão que será utilizado é o de *potência*, do filósofo Spinoza (1632-1677). Judeu (como Freud), nascido em Amsterdam, teve o português como língua materna (seus pais eram imigrantes portugueses), foi formado pelo ensinamento judaico e também teve educação cristã. Se por um lado essa origem multicultural enriqueceu sua formação, por outro lhe causou alguns impasses. Spinoza foi excomungado da comunidade judaica aos 24 anos e a isso se seguiu sua exclusão dos negócios familiares. Colocou então em prática um exemplo de vida dos antigos sábios judeus: especializou-se no ofício de polir lentes para lunetas.

Além de garantir seu sustento e lhe permitir, literalmente, uma nova visão de mundo (a física da época era sobretudo mecânica e a filosofia de Spinoza apresenta inspirações óticas), essa ocupação ainda o colocou em meio à efervescente vida intelectual holandesa. Viveu rodeado por membros das altas esferas administrativas e científicas da Holanda, era amigo dos burgueses libertários e progressistas, e trocou correspondências com figuras influentes do meio acadêmico de seu tempo. A *Ética*, sua maior obra, foi escrita entre os anos 1661 e 1675 e teve publicação póstuma.

Escolhemos fazer a leitura e a sistematização do conceito de pulsão através das lentes deste filósofo do século XVII, cujas ideias eram revolucionárias e subversivas para a época (e talvez ainda sejam, para muitos, ainda nos dias de hoje). Este trabalho aparece na esteira de outro, intitulado *Os lugares do corpo em Freud*, monografia de conclusão de graduação, no qual foram investigados os conceitos de pulsão, eu-corporal, isso e afeto. Conceitos estes através dos quais irrompe a questão do corpo, que não é abordada de forma direta por Freud, mas está sempre subjacente às teorizações mais importantes. A partir destas investigações, além de novas questões surgiu também o desejo de trabalhar com os dois autores.

A aproximação entre Freud e Spinoza não é inovadora. Ambos são grandes pensadores do mundo ocidental e algumas convergências entre suas teorias já foram apontadas. Dentre aqueles que anteriormente já fizeram tais apontamentos destacamos os trabalhos de Pierre Macherey (1995, 1997a e 1999). É dele a analogia entre a potência (*conatus*) e a pulsão (*Trieb*), feita no livro em que analisa a Parte III da *Ética* (1995). Em 1997a, ele enxerga uma semelhança no modo como os dois autores trataram das questões relativas à mente e ao psiquismo: ambos isolaram tais problemas daqueles do campo do orgânico; todavia, isto se deu somente como método, pois, para ambos, esses processos são concomitantes.

E é esta linha que segue no artigo em que contrapõe Spinoza e Descartes (Macherey 1999), quando diz que a empreitada spinozana precede a psicanalítica no tocante à apresentação dos fenômenos psicológicos descolados de causa anatômica ou fisiológica. Em outras palavras, tanto Spinoza quanto Freud propuseram teorias nas quais o anímico tem causas anímicas, do mesmo modo que aquilo que é da ordem do físico tem causas físicas. Não havendo relação de causalidade entre esses dois registros. Tal qual Macherey (1995), Cristophe Dejours (2007) também pensa a pulsão como equivalente à potência e, se entende a primeira como *o trabalho* entre o corpo e o psiquismo, propõe que também o *conatus* seja a manifestação de uma exigência de trabalho.

Isabelle Ledoux (2010) utiliza os dois autores para tratar da questão do mal. Segundo ela, é possível ver muito precisamente em Spinoza um precursor de Freud, ou tentar dar uma orientação spinozista para a ontologia e a política que são

implicadas pelas teses freudianas. Mas o movimento que prefere fazer é o de uma confrontação que preserva aquilo que essas doutrinas têm de irredutível para daí tirar uma perspectiva interessante: a psicanálise fundada por Freud fornece à filosofia ferramentas de investigação inéditas e que são suscetíveis de constituir contribuições preciosas para continuar a pensar aquilo que, desde há muito tempo, lhe resiste: o mal no indivíduo, na sociedade e na história.

Adrien Klajnman (2009) trabalha com Spinoza, Freud e Binswanger, um dos precursores da psicologia existencial e criador da *Daseinsanalyse*. Para Klajnman (2009), a psicanálise freudiana se situa no horizonte do spinozismo em pontos cruciais: o da unidade psicofísica e aquele da autonomia do psíquico em relação ao corporal. No entanto, a leitura que esse autor faz de Freud não é direta, mas através daquilo que Binswanger compreendeu da teoria freudiana. Isso faz com que suas teses não estejam bem fundamentadas e, assim, ainda que tais aproximações nos interessem, preferimos não utilizá-las.

A metodologia desta pesquisa é de análise bibliográfica de textos da psicanálise e da filosofia. Será dada ênfase aos textos autorais dos autores pesquisados - Freud e Spinoza - mas a utilização dos comentadores será essencial. Desde já é necessário marcar que serão preservados os termos utilizados originalmente por cada um dos autores. Desse modo, ao falarmos de Spinoza, trataremos da *mente* e do *corpo*. Em relação a Freud aparecerão os vocábulos *psiquismo*, *anímico*, *aparelho psíquico*, *corpo* e *organismo*. Já Descartes fala de *alma* e assim também chamaremos quando em alusão a ele. Preferimos respeitar os termos utilizados por cada um deles à tentativa de equalizá-los, fato que incorreria no risco de equiparações forçadas e errôneas. Acreditamos que é na singularidade de cada autor que reside sua riqueza.

Começamos a primeira parte do trabalho polindo as lentes para apresentar a potência e a pulsão. De início, no primeiro tópico, montando a ontologia e a metafísica spinozanas, pois a compreensão desse sistema é crucial para a entrada no conceito de *conatus*. Assim, caminhamos do Deus-Natureza, ente absolutamente infinito, que consiste de infinitos atributos, para um modo finito e determinado de expressão da potência divina: o homem. Aí então, no segundo item, é desenvolvida a teoria do *conatus*, e apresentadas suas implicações. Munidos das ferramentas

fornecidas por Spinoza, percorreremos a obra de Freud na tarefa que se assemelha à costura de uma “colcha de retalhos”, que é a sistematização do conceito de pulsão. A cada ponto em que apareça uma semelhança - ou mesmo uma diferença - entre as duas teorias, é feita uma costura.

Assim, tem início no ponto I.3 a análise de um texto freudiano dito *pré-psicanalítico* (*Projeto para uma psicologia científica*, de 1895), no qual já é possível antever uma série de qualificações que farão parte, nas décadas posteriores, do conceito de pulsão. Ao quarto tópico desta primeira parte cabem as “considerações sobre o termo em alemão”, já que *Trieb*, a pulsão, não tem tradução direta para o português. No item I.5 é feita a montagem do conceito de pulsão propriamente dito. No I.6, aparecem as questões relativas aos limites dessa noção: o limite que o conceito faz com outros campos epistemológicos, e o fato de ser nomeado por Freud como o “conceito limite entre o somático e o psíquico”. Nesse ponto são levantadas questões que terão aprofundamento na segunda parte do trabalho. Finalmente chegamos ao último tópico, que é capitaneado pela chamada “virada de 1920”, que ocorre com o texto *Além do princípio de prazer*, desse ano. Esta é a marca da segunda teoria pulsional de Freud, que opõe as pulsões de vida às pulsões de morte.

A primeira parte encerra o objetivo maior de nossa pesquisa, que é o de enriquecer a conceituação do campo pulsional a partir da utilização das lentes de Spinoza para a leitura de Freud. Na segunda parte, já de lentes polidas, será possível enxergar outros pontos de convergência entre esses dois autores. No tópico II.1 é apresentada a concepção spinozana da questão corpo-mente, que difere de maneira radical daquela de Descartes. É assim que, com o foco ajustado, vemos aparecer a problemática crucial da inexistência de uma vontade racional soberana que comande nossas ações, isto é, a existência de processualidades que desconhecemos, pois ignoramos as causas daquilo que nos move, de forma que está menos em nosso poder o agir, somos mais “agidos” por algo.

O item II.3 trata de uma estranha descoberta: o isso, conceito que Freud (1923) introduz atribuindo a nomeação a um de seus interlocutores, Georg Groddeck, que tem inspirações na filosofia de Spinoza. No entanto, o isso freudiano difere do postulado por Groddeck e esse tema é tratado no ponto II.4, em meio às formulações

da segunda tópica do aparelho psíquico. Da maneira como vamos prosseguindo na leitura de Freud, ou seja, através das lentes de Spinoza, o psiquismo pode ser pensado como um trabalho do corpo - em analogia à mente, que em Spinoza é “a ideia do corpo”. E é desse assunto que trata o último tópico do trabalho.

Finalizando os comentários iniciais, uma advertência ao leitor: nas páginas a seguir seremos lançados no “redemoinho queimante do caldeirão da bruxa - a bruxa metapsicologia” (Garcia-Roza, 1995a/ 2004, p. 79). Se Freud se referiu à metapsicologia como bruxa ou feiticeira, Garcia-Roza, um de seus comentadores mais utilizados ao longo do presente trabalho, defende que o conceito de pulsão é aquele que propriamente nos lança no caldeirão fervilhante desta feiticeira. E quem pensa que com Spinoza, um filósofo racionalista, estaríamos livres de bruxas, engane-se.

Deleuze, provavelmente o comentador de Spinoza mais utilizado nesta pesquisa, encarrega-se de provar o contrário. Na apresentação do livro que dedicou ao filósofo, *Spinoza filosofia prática* (1981), traz a citação do julgamento do “Homem de Kiev”, personagem do escritor estadunidense Bernard Malamud na novela *The fixer*. Nela, quando o personagem é indagado sobre os motivos que o levaram a ler Spinoza, dentre outras coisas responde: “li algumas páginas, em seguida, continuei como se um vento forte me impulsionasse pelas costas. Não compreendi tudo, como lhe falei, mas *quando tocamos em tais ideias é como se segurássemos uma vassoura de feiticeira*. Eu não era mais o mesmo homem...”³.

³ O grifo é nosso.